

# HISTÓRIA, ANTROPOLOGIA, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: DARCY E BERTA RIBEIRO ENTRE INDÍGENAS OFAYÉ EM MATO GROSSO (DO SUL), 1948

Julia Falgeti Luna <sup>1</sup>  
Giovani José da Silva <sup>2</sup>

## Palavras - chave:

História; Fotografia; Indígenas  
Ofayé; Darcy e Berta Ribeiro;  
Memória.

**Resumo:** O artigo apresenta os resultados de um estudo sobre imagens fotográficas utilizadas como documentação histórica, a partir de suportes teóricos e metodológicos da Nova História Cultural. Fotografias tiradas pelo casal de antropólogos Darcy e Berta Ribeiro revelam a presença de membros do povo indígena Ofayé, em 1948, no antigo Sul de Mato Grosso, atual Estado de Mato Grosso do Sul. Sabe-se que até o início do século XX o povo Ofayé estimava uma população de aproximadamente duas mil pessoas, que perambulava desde a margem direita do rio Paraná até as proximidades da Serra de Maracaju. Os Ofayé, contudo, foram reduzidos ao longo do tempo a menos de uma centena de indivíduos, dividindo-se em pequenos agrupamentos. Os confrontos e as doenças, além de outros problemas enfrentados, ocasionaram a precipitada ideia da “extinção” dos Ofayé. No final dos anos 1940 os referidos antropólogos mantiveram contato com alguns indígenas durante quatro semanas, localizados em terras do atual município de Batayporã. As imagens constituem-se em fragmentos para a elaboração de uma história da presença indígena na região do Vale do rio Ivinhema, além de servirem como referência à memória social Ofayé.

## INTRODUÇÃO

O uso de fontes não escritas, especificamente imagens fotográficas, é um campo promissor nos domínios historiográficos, permitindo desvelar presenças/ ausências na história. Quando utilizadas por aqueles que se dedicam a pesquisar as trajetórias espaço-temporais de populações indígenas, as fotografias possibilitam interessantes diálogos entre diferentes áreas do conhecimento, notadamente a História e a Antropologia (ALMEIDA, 2012). A memória de grupos indígenas, como os Ofayé<sup>3</sup> de Mato Grosso do Sul, que passaram por situações de extrema dificuldade de reprodução física e cultural ao longo do tempo, podem ser reavivadas e reafirmadas a partir de imagens fotográficas, além de outros documentos de cunhos etnográfico e etnológico.

A utilização de imagens fotográficas enquanto documentação histórica favorece a investigação do passado, da história recente de grupos indígenas que resistiram e sobreviveram aos contatos com não índios. Geográfica e historicamente os Ofayé (autodenominados Opaie e também chamados de Ofayé Xavante) se encontram localizados no Estado de Mato Grosso do Sul, na região conhecida como Vale do Ivinhema. Quando os indígenas foram encontrados por Berta e Darcy Ribeiro, em 1948, o Vale do Ivinhema ainda fazia parte do Estado de Mato Grosso, uma vez que o desmembramento político e a criação de Mato Grosso do Sul ocorreram somente em 11 de outubro de 1977 (BITTAR, 2009). Por essa razão, sempre que se fizer necessária a referência a alguns eventos ou a localização do grupo, citaremos o termo Sul de Mato Grosso.

As imagens fotográficas utilizadas na pesquisa foram coletadas pelos antropólogos Darcy Ribeiro (1922-1997) e Berta Gleizer Ribeiro (1924-1997), no final da década de 1940, quando o casal esteve junto a um grupo de dez pessoas que se autodenominava Ofayé e vivia às margens do ribeirão Samambaia, atualmente localizado no município de Batayporã, divisa com o Estado de São Paulo. Os negativos das 85 fotografias pertencem ao Museu do Índio, da Funai (Fundação Nacional do Índio) e encontram-se disponíveis no site da instituição (Disponível em <<http://base2.museudoindio.gov.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phi82.xis&cipar=phi82.cip&lang=por>>. Acesso em 20 abr. 2017).

1 Graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Campus de Nova Andradina (UFMS/ CPNA) e especialista em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Email: juliafalgeti.94@hotmail.com

2 Doutor em História/ Pós-Doutor em Antropologia. Docente dos Cursos de História, Direito e Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (Unifap). Atualmente realiza estágio pós-doutoral em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

3 Por razões metodológicas o etnônimo Ofayé será grafado com “y”, pois, como destaca Mirtes C. Borgonha (2006) a grafia está de acordo com a convenção estabelecida pela Associação Brasileira de Antropologia, em 1953 (SCHADEN, 1976). Tal convenção indica que no lugar de semiconsoantes (“i” e “u”), que não formam sílaba, no início de palavras e entre vogais, serão usadas as letras “y” e “w”, respectivamente. Carlos Alberto dos Santos Dutra (2011), ao referir-se à grafia Ofayé, recentemente utilizada por alguns pesquisadores, aponta que não há relação com questões históricas e linguísticas do grupo, pois, segundo o historiador, a linguista Sarah Gudschinsky aponta que Curt Nimuendajú, por ser o primeiro etnólogo a fazer contato com o grupo e, consequentemente, o primeiro a grafar o nome Ofaié com “i” e não “y”, indicou que a grafia com “i” seria a mais adequada. Exceto nas citações, portanto, o etnônimo utilizado pelos autores é Ofayé.

Dados como desaparecidos durante muito tempo, os negativos foram “redescobertos” nos arquivos do Museu no início dos anos 2000 e, depois de cuidadosamente tratados, serviram para a produção de fotografias que fizeram parte de exposições a respeito dos Ofayé, realizadas no Rio de Janeiro. Além disso, reproduções autorizadas pela Funai formaram um conjunto de imagens das exposições “Ofayé: passado e presente no Vale do Ivinhema” (JOSÉ DA SILVA, 2011) e “Ofayé: o povo do mel” (JOSÉ DA SILVA, 2012), ambas realizadas em municípios do Vale do rio Ivinhema – Batayporã, Ivinhema, Nova Andradina e Taquarussu –, entre 2011 e 2012. As reproduções encontram-se, atualmente, em poder da comunidade indígena Ofayé de Brasilândia, a quem foram doadas e onde também ocorreram exposições.

No texto a seguir abordaremos inicialmente questões teórico-metodológicas que envolvem fotografia e História. De acordo com Ana Maria Mauad (2012), os estudos sobre imagens fotográficas e História devem levar em consideração dois aspectos: o primeiro, em relação aos avanços na técnica e a busca pelos recortes sociais da fotografia; o segundo, acerca da compreensão do lugar destinado à fotografia na história e na História. Após esta breve abordagem, discutimos as relações entre História, memória e imagens, a partir de fotografias de Darcy e Berta Ribeiro e, por fim, apresentamos três imagens fotográficas de membros do grupo Ofayé, analisando a importância desse material para a memória social do grupo.

## A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO HISTÓRICO

Ainda segundo Mauad (2012), o surgimento da fotografia no século XIX teve como principais expoentes Niépce e Daguerre (MAUAD, 2012). Desde seu surgimento a fotografia ocupou um lugar singular, pois embora utilizada como forma de registro a imagem fotográfica é, também, uma “elaboração representativa do vivido”. Evidentemente, uma grande parcela da população atual já teve contato direto ou indireto com imagens fotográficas. Afinal, um dos principais modismos do início do século XXI está relacionado ao autorretrato, às conhecidas *selfs* que, costumeiramente, sem que as pessoas se deem conta, relatam um pouco do cotidiano e, também, de histórias de vida. Antes de iniciarmos uma discussão mais aprofundada, é preciso conhecer uma sucinta (e importante) trajetória da fotografia como fonte histórica.

A utilização da imagem fotográfica como fonte histórica suscitou por muito tempo divergências entre historiadores. Durante certo período as

fotografias faziam parte dos escritos apenas como meras ilustrações e, aos poucos, foram sendo inseridas como documento passível de investigação. Para Sandra Jatahy Pesavento (2004), o uso de imagens fotográficas como documentos é um promissor campo de pesquisa da História Cultural. Uma das críticas mais frequentes, porém, relaciona-se à exploração enquanto fonte, uma vez que é ainda pouco aproveitada em detrimento de outras. Uma das explicações deve-se ao fato de a fotografia ser um documento manipulável, passível de adulteração, transmitindo, assim, certa inconfiabilidade.

Entretanto, conforme Boris Kossoy:

A fotografia em si, o filme em si não representam, tanto quanto qualquer documento velho ou novo, uma prova de verdade. Toda a crítica externa e interna que a metodologia impõe ao manuscrito impõe, igualmente, ao filme. Todos podem, igualmente, ser “montados”, todos podem conter verdades e inverdades. Existe, naturalmente, para cada espécie de fonte, uma possibilidade especial de falsificação, e conhecê-las é a tarefa de críticos de fontes. (KOSSOY, 1980. p. 29)

Compete ao pesquisador, portanto, extrair dos documentos o necessário para embasar seu estudo. Não é função do historiador julgar verdades ou inverdades, entretanto é necessário a aproximação dos fatos verossímeis para analisar as marcas deixadas pelos grupos humanos, sem distinção. As imagens fotográficas se apresentam como um documento de mediação entre “espectador e produtor” e, assim, possui um valor representativo da realidade. Ainda de acordo com Pesavento (2004), as imagens são elaboradas para serem visualizadas, cada imagem possui uma mensagem ao espectador, a imagem é o “testemunho” de uma época.

Parafraseando Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad (1997), a fotografia lança ao historiador um grande desafio: desvendar o que não foi revelado. Primeiramente, é importante conceber que as imagens formam um conjunto de códigos e signos. Para entender os signos, as teorias saussuriana e peirceana servem como referências: a primeira discute que a aplicação do signo decorre de uma relação de dualidade, considerando dois aspectos essenciais: significante e significado, uma associação entre conceito, imagem e som, relativo aos estudos de linguagem verbal; na análise peirceana não existem apenas signos, mas uma relação *signica*. O signo não age sozinho, pois é mental, físico e afetivo. Peirce utiliza-se do método conhecido como triádico (objeto, signo e intérprete), pois o signo é um processo produtor de novos objetos, permitindo ao

intérprete a interpretação, contida em uma semiose contínua.

Para Cardoso e Mauad a compreensão da mensagem fotográfica opera entre a relação de signos e imagens, uma vez que consideram um sistema sógnico não verbal, passível de dupla interpretação, ora artefato, ora mensagem. Para os historiadores, “A imagem fotográfica compreendida como documento revela aspectos da vida material de um determinado tempo do passado de que a mais detalhada descrição verbal não daria conta” (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 408). A fotografia é fruto da ação humana e, sendo assim, pode ser tratada como mensagem não necessariamente involuntária.

Charles Monteiro (2006), insere na discussão o conceito de ambiguidade interpretativa, pois por não se tratarem de documentos singulares, mas exigirem uma interpretação aguçada, as fotografias, outrora atreladas ao conceito de monumentos, exigem do historiador análises profundas. É interessante ressaltar que tais documentos devem ser explorados enquanto reduto de memórias, pois conforme Cardoso e Mauad (1997, p. 409), “[...] é agente do processo de criação de uma memória que deve promover tanto a legitimação de uma determinada escolha quanto, por outro lado, o esquecimento de todas as outras”. Assim, de antemão, é preciso conhecer os critérios relevados pelo fotógrafo, as técnicas e o tema, para, posteriormente, se iniciar a desconstrução analítica da fotografia (MONTEIRO, 2006). Como se nota, não é uma tarefa fácil.

As fontes fotográficas possuem múltiplas facetas e ao se manejar uma imagem não se deve deter apenas no momento do congelamento do instante em si, mas a apreciação crítica pressupõe um olhar para além do primeiro vislumbre, reconstituindo-se a trajetória que envolve a abordagem do profissional fotógrafo. De acordo com Kossoy, “[...] É a nossa imaginação e conhecimento operando na tarefa de reconstituição daquilo que foi. Situando-nos, finalmente, além do registro, além do documental, no nível iconológico: o iconográfico carregado de sentido. É este o ponto de chegada” (1989, p. 43).

Mauad (1996; 2012) discute acerca da interpretação dos documentos iconográficos, remetendo à ideia de que a medida que os textos escritos precisam ser interpretados para se efetuar o entendimento, a fotografia, enquanto *corpus* documental, igualmente carece de uma interpretação. Logo, conclui-se que o tratamento das fontes passa pelos mesmos critérios utilizados com os documentos es-

critos. As imagens são polissêmicas, pois fotografias são meios de expressar valores.

Ulpiano T. Bezerra de Meneses (2012) oferece uma argumentação em que introduz não apenas a fotografia como documento, mas também como artefato. Segundo o autor, as fotografias partilham tanto da materialidade como da imaterialidade, sendo assim pode-se perceber o potencial extraordinário que possuem, de modo que transitam entre memórias, narrativas, culturas, espaços de sociabilidade e poderes. O uso de imagens fotográficas, enquanto documentos históricos, não mais se interessa pelos “grandes homens”, mas por todos, ou seja, a análise conduz à construção ou apropriação da memória de quem a produziu ou apropriou-se da visão de mundo do autor.

Para a História dos índios no Brasil e, particularmente, em Mato Grosso do Sul, as imagens fotográficas captadas pelo casal de antropólogos Berta e Darcy Ribeiro são de inestimável valor. As imagens revelam mais do que o cotidiano de um grupo indígena no final da primeira metade do século XX. Por meio delas, conhece-se um pouco mais das vidas e das trajetórias históricas daqueles que foram considerados, erroneamente, como os “últimos Ofayé”. Os rostos e os corpos de homens e mulheres indígenas registrados pelas lentes dos Ribeiro servem de referência para a memória social das atuais e futuras gerações de Ofayé.

## HISTÓRIA E MEMÓRIA INDÍGENAS: OS OFAYÉ EM MATO GROSSO (DO SUL)

Por meio de evidências arqueológicas é possível constatar a presença indígena no Sul do Estado de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul) desde tempos remotos, transformando o espaço geográfico por meio de inter-relações socioculturais. Segundo Gilson Rodolfo Martins (2002, p. 39), o território era basicamente “[...] povoado por índios Guarani, Guató, Ofayé, Kaiapó, Payaguá e outras sociedades indígenas que ainda não foram identificadas pela arqueologia e pela etnohistória”. Inegavelmente, as fontes apontam para uma pluralidade étnica marcante, desmantelada pela colonização não indígena ao longo do tempo.

Seja por meio de documentos escritos, arqueológicos, orais e, até mesmo, imagéticos é possível constatar a presença humana em espaços denominados “vazios” do território brasileiro no século XX. Segundo Manuela Carneiro da Cunha (2008,



p. 11), “Sabe-se pouco da história indígena: origem, nem as cifras de população são seguras, muito menos o que realmente aconteceu. Mas progrediu-se, no entanto; hoje está mais clara, pelo menos, a extensão do que não se sabe”. A história dos índios foi relegada à invisibilidade durante longo período da história brasileira. Antes marginalizada pela história oficial as trajetórias espaço-temporais de populações indígenas não despertava o interesse de pesquisadores que por vez direcionavam seus olhares apenas para recontar a história de homens brancos, colonizadores, aventureiros e exploradores de terras ocupadas por nativos. Assim, de acordo com Walter Mignolo (2003), as relações entre indígenas e não indígenas sempre foram pautadas entre condições de poder e estereótipos.

Alguns apontamentos de Antonio Hilário Aguilera Urquiza (Disponível em <<http://www.mcdb.org.br/materias.php?subcategoriald=23>>. Acesso em 17 jun. 2016) informam que as frentes de colonização durante os séculos XVIII, XIX e XX intensificaram as demandas por terras por parte de colonizadores não indígenas. A expansão agropastoril reduziu espaços e reuniu os indígenas em pequenas áreas, se comparadas aos momentos que antecederam esta colonização. O movimento de “povoação” do Oeste brasileiro, durante o século XX, foi uma iniciativa do governo do presidente Getúlio Vargas, durante o Estado Novo. Segundo Galvão (2011, p. 1), Vargas procurava exaltar as possíveis riquezas históricas e econômicas que o Oeste brasileiro poderia oferecer e por vezes fazia alusão ao território como um *Eldorado*: “E lá teremos de ir buscar: os vales férteis e vastos, o produto das culturas variadas e fartas; das estradas de terra, o metal com que forjara os instrumentos da nossa defesa e de nosso progresso industrial” (VARGAS *apud* GALVÃO, 2011, p. 1).

O avanço em prol do progresso e da modernização do Brasil continuou sendo lema de discursos governistas, entretanto, o agravante de tal impulso refletiu significativamente sobre as populações indígenas. O embate que se iniciou em questões territoriais se expandiu a confrontos físicos, tomando rumos indesejáveis. Questões de disputas territoriais entre povos indígenas e colonizadores tornaram-se comuns, embora o Estado tenha estabelecido por meio do artigo 129 da Constituição de 1934 o direito à posse de terras a esses povos. Tais direitos foram reafirmados e ampliados nas Constituições de 1937, 1946, na Emenda Constitucional de 1967 e, posteriormente, ampliados com a promulgação da Constituição Federal de 1988, ainda vigente. Apesar das leis, a invisibilidade da presença dos povos

indígenas em seus territórios tradicionais continuou sendo a marca das relações entre Estado brasileiro e índios (MILANEZ, 2015).

De modo geral, os indígenas que até aquele momento não haviam conquistado a demarcação de suas terras passaram de “donos” a “invasores”. O então Sul de Mato Grosso não se fez diferente em relação ao restante do país, pois indígenas e colonizadores ao disputarem a posse de terras travaram lutas que, em grande maioria, terminaram em violentas mortes. Inegavelmente a expansão para o Oeste contribuiu para a divisão de grandes grupos, como por exemplo, o Ofayé. O contato com os “brancos” desencadeou o processo de dizimação do grupo, ora por doenças, ora por conflitos. Segundo Dutra (2011), no início do século XX, o povo Ofayé somava uma população de aproximadamente duas mil pessoas, dispersa em vários aldeamentos pelos campos do Cerrado.

Com relação à história do povo Ofayé, Dutra (1996) aponta que o primeiro contato do grupo com não índios ocorreu durante o “Ciclo do ouro” na América Portuguesa, sendo as primeiras notícias provenientes de viajantes e exploradores. As expedições das bandeiras, iniciadas em Mato Grosso a partir de 1718, ocasionaram a mortandade de um número considerável de membros da etnia. Conforme Darcy Ribeiro (1980), o primeiro contato pacífico do povo Ofayé com um não índio ocorreu no ano de 1903, com a Comissão Rondon, porém os primeiros relatos de cunho etnológico são datados dos anos de 1909 a 1913, quando o etnólogo de origem alemã Curt Unkel Nimuendajú realizou visitas aos índios e sobre eles escreveu.

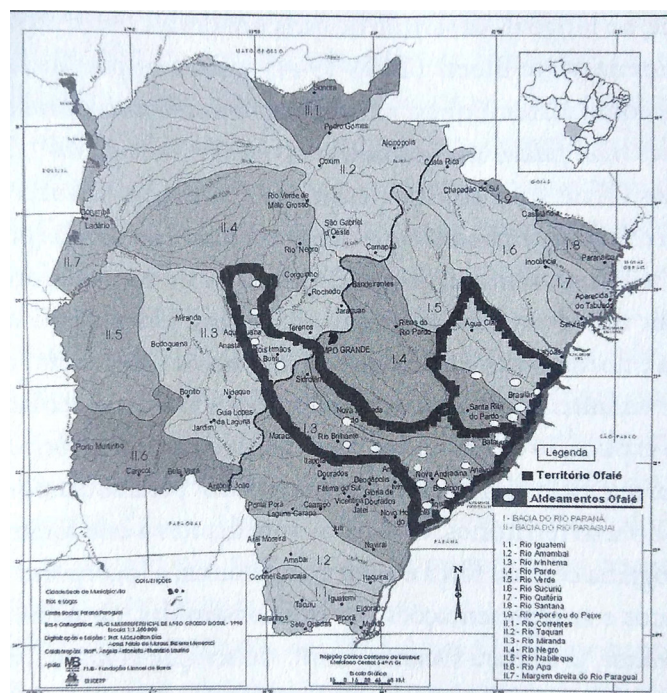
Devido à expansão agropastoril na região, teve início uma série de conflitos envolvendo indígenas e não indígenas, redundando numa convivência “turbulenta” pela posse da terra. Ainda segundo Ribeiro (1980), os fazendeiros que por vezes hospedavam viajantes relatavam os inúmeros combates que os pais e avôs travavam contra indígenas para defender as terras e os rebanhos. A hipótese mais assertiva é a de que tais rebanhos, mencionados por Ribeiro, se faziam crescer apoderando-se os “brancos” de tradicionais terras indígenas. Em relação as áreas ocupadas pelos Ofayé, os documentos pesquisados por Dutra apontam:

[...] Os cerca de trinta aldeamentos Ofaié identificados na documentação encontram-se, a maioria deles, nas margens dos seguintes rios: Rio Verde (1901, 1911, 1912, 1913, e 1953), no Porto Aroeira (1903), no córrego Agachi (1903), no rio Pardo (1905 e 1911),

nas Águas do Peixinho (1905), no rio Vacaria (1905, 1909 e 1913), no rio Taboco (1907 e 1914), no rio Negro (1907, 1911 e 1913), no rio Taquaruçu (1911), junto ao Porto Tibiriça (1911), próximo ao ribeirão Marrecas (1912), no rio Paraná (1912), no rio Laranjalzinho (1913), no ribeirão Ivypiranga (1911 e 1913), no ribeirão Coqueiro Grande (1913), no ribeirão Orelha de Onça (1913), no rio Ivinhema (1911, 1913 e 1921), no ribeirão Santa Bárbara (1924), no Porto XV de Novembro (1924), no córrego Santa Ana (1942), no rio Samambaia (1905, 1948, 1952 e 1953), rio Água Limpa (1948), no ribeirão Boa Esperança (1948 e 1953), no rio Herval (1954), entre outros. (DUTRA, 2011, p. 32-33).

Os registros documentais ainda informam que o povo Ofayé transitava desde a margem direita do rio Paraná até a Serra de Maracaju, conforme o mapa ilustrativo abaixo.

**Figura 1** – Territórios e aldeamentos do povo Ofayé



Fonte: Atlas MR-MS, 1990. Adaptado de Dutra, 2011.<sup>4</sup>

Ao se observar o mapa acima percebe-se que os aldeamentos eram todos próximos a rios ou ribeirões. Tal fato se justifica pela organização estrutural e territorial do grupo Ofayé, em que as moradias eram dispostas em círculo e com caminhos que levavam para o centro da aldeia (a parte mais importante, onde eram realizados rituais e festas).

Apenas a moradia do chefe possuía dois caminhos: um para a área central e outro para acesso ao rio.

Entre as características do grupo se pode ressaltar o fato de serem seminômades, caçadores e coletores. Perambulavam por várias rotas, com o intuito de suprir as necessidades básicas, tanto de alimentação como de obtenção de matérias primas. Em suas andanças, os Ofayé se relacionaram com outros grupos étnicos, mas tais contatos nem sempre culminaram em relações amistosas, ocorrendo inúmeros conflitos.

Fisicamente, de acordo com Dutra (2011), os Ofayé apresentavam baixa estatura, rostos arredondados e uma tonalidade de pele em um tom mais escuro que os demais indígenas, permitindo a diferenciação dos mesmos com as outras etnias. No entanto, não apenas as características físicas, mas também a personalidade pacífica difere os Ofayé. Tal personalidade rendeu ao grupo inúmeros dissabores, muitas vezes resultando na dispersão e na dizimação do povo.

O resultado de violentos conflitos, aliado a um silenciamento da memória Ofayé, fez o antropólogo Darcy Ribeiro, juntamente com a esposa, a também antropóloga Berta Ribeiro, crer que, em 1948, estivesse diante do último grupo de indígenas Ofayé.:

Convivemos durante quatro semanas, em fins de 1948, com este grupo; compreendia 10 pessoas de duas famílias cujos chefes eram irmãos. O mais velho, Otávio, tinha pouco mais de 50 anos, vivia com a mulher, um filho e uma filha, esta casada com um jovem Kaiwá<sup>5</sup> de quem tinha um menino; o irmão mais novo, José, também casado, tinha duas filhas e um filho. [...]. (RIBEIRO, 1980, p. 85)

O grupo se encontrava localizado mais precisamente às margens do ribeirão Samambaia, Sul de Mato Grosso, convivendo com não índios, uma vez que o Estado havia conferido às empresas colonizadoras o poder de usufruto das terras. Tratava-se de um pequeno grupo de apenas dez pessoas e que não era inteiramente homogêneo, pois a convivência com índios Guarani- Kayowá sempre foi um aspecto marcante na história dos Ofayé. Ora amistosa, ora turbulenta, a convivência entre as duas etnias, cada uma com suas particularidades próprias, acabou unindo-as por laços consanguíneos, bem como provocando a incorporação de elementos culturais

4 O mapa apresentado refere-se ao Estado de Mato Grosso do Sul criado em 1977, após o desmembramento do sul do Estado de Mato Grosso. O mapa foi inserido com o objetivo de se apresentar os territórios ocupados pelo povo indígena Ofayé.

5 Nota de esclarecimento: O indígena identificado por Darcy Ribeiro como Kaiwá tratava-se de um membro da etnia Guarani-Kayowá.



por uma e outra.

O convívio dos Ribeiro com os Ofayé foi registrado e publicado no livro *Uirá sai à procura de Deus* (RIBEIRO, 1980). O antropólogo preocupou-se em relatar alguns aspectos culturais, organizacionais e de cunho etno-histórico, tornando perceptível a compreensão do *modus vivendi* Ofayé.

A princípio, destacaremos um relato coletado por Ribeiro (1980), que faz referências a chacinas sofridas pelo grupo. Otávio, um dos irmãos Ofayé e chefe do grupo, relatou ao antropólogo que, em meados do início do século XX, quando ainda era uma criança, um grupo de homens a cavalo atacou o aldeamento a que pertencia, matando os adultos e sequestrando as crianças. Um dos motivos para o ataque teria sido uma vingança, salvando-se apenas aqueles que conseguiram fugir.

Embora o pequeno aldeamento visitado pelos jovens antropólogos mantivesse uma intensa convivência com outros povos, alguns costumes continuavam marcantes. Ribeiro (1980) notou a presença de perfurações em lábios e orelhas dos irmãos Otávio e José, bem como a preferência por dormirem em covas cavadas no chão. O cultivo da terra e a criação de animais, além da manutenção da unidade grupal, permitiram perceber que havia uma agregação de elementos culturais do Outro, não significando perda ou aculturação.

Quanto à mitologia, José foi o principal interlocutor, pois segundo Ribeiro, “[...] é [era] mais loquaz que Otávio, tem grande prazer em narrar estórias e fala um português mais inteligível [...]” (RIBEIRO, 1980, p. 97). A mitologia Ofayé destaca a relação entre homens e animais, pois como elucida Nimuendajú, (1987) ao presentear um grupo de Ofayé com uma caça, os índios a refugaram, já que o animal possuía furos nas orelhas. Logo, todo animal que possuía furo nas orelhas era considerado um “parente”. Resumidamente, a mitologia representa uma importante fonte para a compreensão sobre os grupos indígenas, não sendo diferente com os Ofayé.

Não foram apenas os mitos que foram revelados durante as noites das quatro semanas naquele ano de 1948:

Durante nossa permanência junto aos Ofaié assistimos a uma dança e gravamos alguns cantos femininos. Foram entoados pelas mulheres adultas do grupo [...] São cantos sem palavras em que efeito de coro é conseguido apenas pela diferença de vozes. (RIBEIRO, 1980, p. 100)

Assim como os mitos, as cantigas entoadas pelas mulheres referiam-se a animais que passavam por

transformações e adquiriam a forma humana. Ribeiro destacou que as músicas entoadas pelos Ofayé eram simples, acreditando-se que corriam risco de extinção. Os cantos eram curtos, caracterizados pela repetição e por diferentes atenuações.

Ainda de acordo com Ribeiro (1980), o uso aleatório de arcos e flechas era motivo de orgulho e riqueza. No material publicado sobre os Ofayé, encontra-se a representação de armamentos, bem como uma descrição sucinta:

O arco e flecha Ofaié. O arco de secção semicircular, em cerne de brejaúva, tem as extremidades envolvidas com embira de cipó imbé; a corda é feita com fibras de bocaiúva; mede 154 cms. Flecha de taquari com emplumação tangencial de penas de arara, presas com linha de algodão; as pontas talhadas em cerne de alecrim da mata são inseridas no caniço por pressão, presas com cerol e enfeixadas com embira de cipó de imbé. A flecha rômica usada para caçar pássaros tem 115 cms.; a farpada, para pesca e pequena caça, 124 cms.; e a lanceolada, de aço, utilizada como arma de defesa para caça de grande porte, mede 111,5 cms. (RIBEIRO, 1980, p. 86)

Anteriormente à passagem do casal de antropólogos, no ano de 1905, a Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo caracterizou a cultura material do grupo pela riqueza de detalhes. Os arcos e flechas foram considerados como “os mais belos que a comissão já tinha visto” e as bolsas de malha confeccionadas por mulheres mereceram a admiração dos membros da comissão (DUTRA, 2011).

A respeito da classificação linguística, Dutra (2011) refere-se a estudos realizados por Cestmir Loukotka e também por Nimuendajú. Ambos já haviam recolhido itens do vocabulário Ofayé, entretanto, somente após um estudo de análise fonética e morfológica, desenvolvido pelo então *Summer Institute of Linguistics* (SIL), hoje Sociedade Internacional de Linguística, com financiamento do Museu Nacional e articulado pela linguista Sarah C. Gudschinsky (1974), foi possível incluir a língua Ofayé na família Jê, do tronco linguístico Macro-Jê.

A respeito da passagem da linguista junto aos Ofayé, os registros apontam a princípio por um pedido de Darcy Ribeiro, que, como já mencionado, acreditava estar em contato com os últimos Ofayé. O antropólogo recorreu às autoridades competentes que facilitaram o desenvolvimento da pesquisa efetivada pelo SIL. Assim, no ano de 1958, a linguista esteve presente no mesmo aldeamento Ofayé que os Ribeiro visitaram dez anos antes. A configuração do cenário étnico era outra, já que de um grupo composto por dez pessoas, em 1948, restavam

apenas três: o índio José e dois filhos (uma menina e um menino). Os demais haviam morrido, sendo uma das causas das mortes uma epidemia.

Segundo Gudschinsky (1974), o quadro de saúde da jovem indígena impossibilitou a observação do cotidiano familiar e durante o contato percebeu que a comunicação entre pai e filhos não ocorria em língua indígena, mas sim em Português, o que limitava a interação linguística. Contudo, ainda que o contato entre a linguista e os indígenas tenha enfrentando algumas adversidades, seus estudos caminharam para a reafirmação da língua Ofayé enquanto pertencente à família Jê. Os estudos da linguista resultaram em um dicionário com cerca de cinco mil palavras e alguns textos publicados posteriormente.

Sarah Gudschinsky não produziu material fotográfico sobre os Ofayé encontrados, ao contrário de Berta e de Darcy Ribeiro. Entre os vários materiais de cunho etnográfico recolhidos pelo casal, as fotografias são registros primorosos, não somente para o presente artigo, mas para a memória social do próprio grupo. Por meio das imagens fotográficas, é possível verificar-se o cotidiano, além de se analisar a situação vivida por membros da etnia em um momento crítico para todo o grupo Ofayé, que sofria com a iminência da desapareição.

## OS REGISTROS FOTOGRÁFICOS DOS RIBEIRO SOBRE O POVO OFAYÉ, 1948

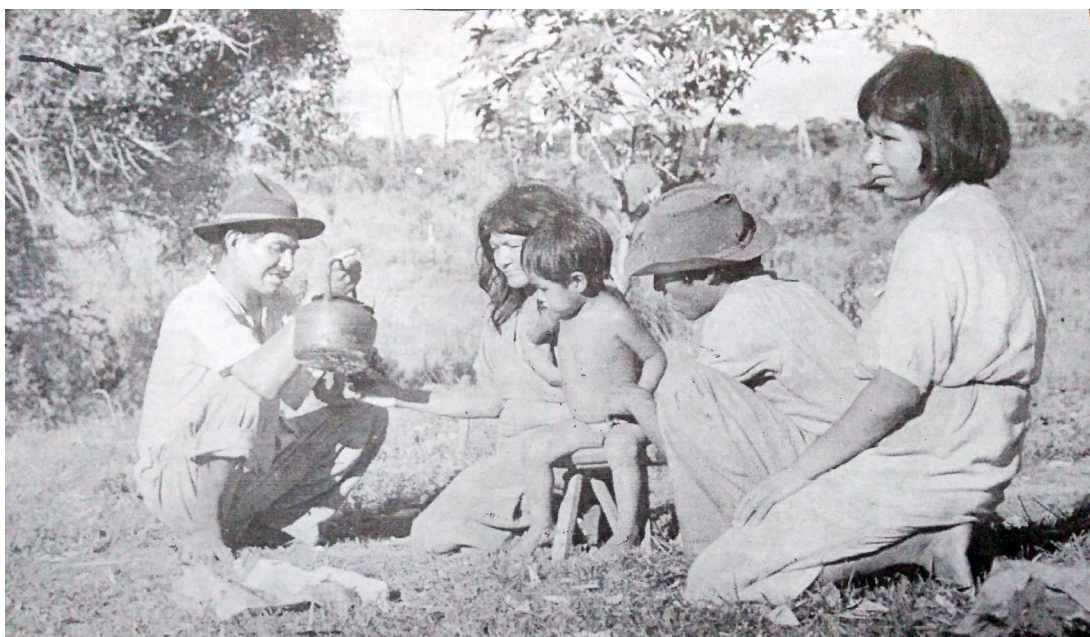
Conforme Carneiro da Cunha (2008), a história indígena está por ser feita e alguns obstáculos

em relação às fontes tornam-se “pequenos” empecilhos, quando na maioria dos casos a dificuldade é analisar a trajetória do Outro. John Manuel Monteiro (1995) aponta que a história indígena brasileira assume um duplo desafio: o primeiro consiste em recuperar o papel histórico dos indígenas para a formação da sociedade e o segundo, e não menos importante, sugere-se repensar a história por meio da memória das populações indígenas.

Os antropólogos Berta e Darcy Ribeiro colheram registros fotográficos do grupo Ofayé, no final do ano de 1948. De todo o acervo, composto por 85 imagens, foram escolhidas três fotografias, a fim de se apresentar um exercício de análise que alia instrumentais teóricos e metodológicos da História e da Antropologia, conforme sugere Maria Regina Celestino de Almeida (2012). A análise das fotografias busca evidenciar as características físicas e culturais, bem como o ambiente geográfico em que os indígenas se encontravam inseridos.

As imagens fotográficas revelam um cotidiano simples, além de contrastes entre a tradicional cultura Ofayé e a cultura não indígena, bem como a presença de um povo que lutava contra a própria “extinção”. Os dez fotografados eram: Otávio (chefe), José (irmão de Otávio e chefe), Isaura (filha de Otávio), Luiz (genro de Otávio, da etnia Guarani-Kayowá), Pedro, mulher de Otávio, mulher de José, crianças. Apesar de Darcy Ribeiro referir-se a dez fotografados por ele e por sua esposa, é possível identificar onze pessoas, incluindo-se uma menina, entre os indígenas retratados.

### Fotografia I



Fonte: (Fonte: Museu do Índio/ Funai. RIBEIRO, Darcy. 1948)



### Ficha técnica:

Autor: Darcy Ribeiro.  
 Descrição: SPII2967.  
 Datação: 1948.  
 Dimensão: 320 x 212 mm.  
 Técnica: Fotografia em coloração preto e branco.

### Análise descritiva e interpretativa:

A imagem fotográfica apresenta cinco personagens, sendo, dois homens, duas mulheres e uma criança do sexo masculino. Estão reunidos tomando uma bebida, inseridos em um ambiente rural. Trata-se da representação fotográfica de uma pequena parte do grupo indígena Ofayé, em dezembro de 1948. Da esquerda para a direita: Otávio, esposa, neto, genro e filha de Otávio. Com relação a Otávio, Ribeiro (1980) aponta que o indígena Ofayé era o chefe do pequeno grupo com quem mantivera contato. Sua esposa e sua filha também eram da etnia Ofayé e apenas o genro era indígena Guarani-Kayowá.

O neto, por sua vez, era fruto da união interétnica Guarani-Kayowá e Ofayé. Os casamentos entre integrantes das duas etnias não eram inéditos, pois desde antigos relatos sobre o grupo já havia menção dessa convivência. Dutra (2011) aponta que a bebida, também conhecida como mate, foi introduzida entre os indígenas devido ao contato com os trabalhadores da companhia Matte Laranjeira.

Analisando-se as características físicas dos Ofayé, percebe-se que eram baixos e de rosto arredondado, diferindo-se do indígena Guarani-Kayowá. As fotografias evidenciam que estavam sempre cabisbaixos, não olhando diretamente para a câmera. A intencionalidade dos autores, no caso de Darcy Ribeiro, era apropriar-se do congelamento de momentos que demonstrassem o núcleo familiar dos, então considerados, “últimos Ofayé”. As vestes, por sua vez, eram modelos usados na década de 1940 comumente no meio rural brasileiro, evidenciando a incorporação de aspectos da cultura não indígena. A fotografia ainda permite o vislumbre do núcleo familiar, apresentando três gerações da mesma família.

### Fotografia 2



Fonte: (Fonte: Museu do Índio/ Funai. RIBEIRO, Darcy. 1948)

### Ficha técnica:

Autor: Darcy Ribeiro.  
 Descrição: SPI13001.  
 Datação: 1948.  
 Dimensão: 320 x 217 mm.  
 Técnica: Fotografia em coloração preto e branco.

### Análise descritiva e interpretativa:

A fotografia tem como personagem uma mulher dentro de um cercado onde há uma residência e, no fundo, algumas árvores. Com relação à personagem, a mulher representada na foto é a esposa de Otávio e, não por acaso, aparece como figura central. Conforme Ribeiro (1980), a figura feminina remetia aos afazeres domésticos, ao cui-



dado com os filhos, bem como à criação de pequenos animais. Há uma ave na imagem, um pato, exemplo de animal criado pelo grupo e que servia como alimentação. Segundo Dutra (2011), Darcy Ribeiro, quando conviveu entre indígenas Ofayé, relatou o cultivo da terra e a criação de porcos e patos, comparando o modo de vida dos indígenas aos vizinhos não indígenas mais pobres.

Um ponto bastante pertinente para a análise é o da construção de moradias indígenas. Os Ofayé

construíam suas residências utilizando-se de tronco de árvores para as paredes e sapé para a cobertura. Ao fundo da fotografia o arvoredo dá a ideia da área ocupada pelos indígenas, às margens do ribeirão Samambaia, pois é uma vegetação nativa típica do bioma Cerrado. A imagem fotográfica foi escolhida a partir do propósito de representação das moradias tradicionais do grupo, bem como de sua base alimentar e do papel exercido pelas mulheres Ofayé.

**Fotografia 3**



**Fonte:** (Fonte: Museu do Índio/ Funai. RIBEIRO, Darcy. 1948)

#### **Ficha técnica:**

Autor: Darcy Ribeiro.  
Descrição: SPII 3020.  
Datação: 1948.  
Dimensão: 212 x 320 mm.  
Técnica: Fotografia em coloração preto e branco.

#### **Análise descritiva e interpretativa:**

Homem agachado, segurando objeto e observando o alinhamento de uma flecha. O homem representado na fotografia é José, índio Ofayé e irmão de Otávio e ambos formavam a liderança do pequeno aldeamento. Segundo os registros etnográficos

(RIBEIRO, 1980), os Ofayé eram exímios arqueiros, fabricavam com precisão seus arcos e flechas. Na fotografia, José fabricava algumas flechas e ao chão podem ser observadas as matérias primas utilizadas (madeiras e conchas, dentre outras). Ribeiro (1980), ao fazer a descrição dos armamentos, evidenciou que para cada tipo de caça havia uma flecha específica.

O cigarro na orelha de José mostra que havia o hábito de fumar, não se sabendo precisar se tal hábito decorreu do contato com outras etnias ou com não indígenas. A princípio, José poderia ser interpretado apenas como um homem de traços simples, mas ao se observar atentamente a imagem fotográfica, percebe-se a representação de um indivíduo que partilha costumes provenientes dos contatos com outras culturas, mas que reafirma sua identidade étnica e cultural por meio da fabricação de tradicionais artefatos.

Segundo Campos (2009), as imagens fotográficas se vinculam à memória, à apropriação de objetos e sujeitos que desaparecerão da vivência, constituindo-se em provas de existência. Assim, as lentes fotográficas de Berta e Darcy Ribeiro, evidenciaram fragmentos da história e da cultura material Ofayé. Ainda que os indígenas estivessem “posando” e realizando atividades intencionalmente, a pedido dos antropólogos, é possível captar-se determinado momento histórico de membros de uma etnia indígena que até 1976 era considerada “extinta” (DUTRA, 1996).

Ainda conforme Campos (2009), a fotografia é introduzida pelo antropólogo, ora serve para mostrar ao mundo as diferenças, ora deseja marcá-las com os impactos do colonialismo e dos fetichismos da extinção e da desaparecimento de grupos indígenas no Brasil. A estadia dos Ribeiro junto aos Ofayé configurou-se mais como uma visita de observação do que propriamente de pesquisa, pois, conforme as palavras do antropólogo, que na época trabalhava no Serviço de Proteção aos Índios (SPI), buscava-se uma boa base de comparação com outros povos indígenas do então Sul de Mato Grosso (DUTRA, 2011).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve como finalidade apresentar, por meio de imagens fotográficas, a presença indígena Ofayé no antigo Sul de Mato Grosso, atual Estado de Mato Grosso do Sul, na região que compreende o Vale do rio Ivinhema. Ainda que a memória e a história oficiais resistam em reconhecer a importância dos indígenas para a constituição das histórias brasileira e sul-mato-grossense, reiteramos ser preciso reescre-

ver as páginas que compõem as trajetórias temporais e espaciais de populações que vivem/ viveram no país, para que novos conhecimentos sejam somados à História.

O objetivo da apresentação de três imagens fotográficas captadas no final da década de 1940 pelo casal Ribeiro (Darcy e Berta) se justifica pela intenção de se contextualizar a presença Ofayé, bem como evidenciar peculiaridades cotidianas do grupo, contribuindo com a memória local. É revisitando álbuns fotográficos que podemos recordar eventos passados, bem como estabelecer comparações e perceber mudanças e permanências nos agentes históricos. A memória social é formada, na maioria das vezes, por relatos orais, mas a fotografia pode ser uma aliada imprescindível para a constituição de memórias de grupos indígenas.

A imagem fotográfica é um documento histórico que permite inúmeras visitas e a possibilidade de haver novas interpretações. As mensagens veiculadas pelas imagens compartilham de códigos a serem desvendados por historiadores e outros interessados na temática. Contudo, é importante deixar claro que a fotografia não substitui a memória, pois atua como despertar de um momento vivido que se encontrava temporariamente ignorado. A fotografia, portanto, revela memórias, descobrindo o que estava escondido ou invisível.

A expansão colonizadora para o então Sul de Mato Grosso no início do século XX implicou no deslocamento territorial de grupos indígenas, que, assim como os Ofayé, tornaram-se “obstáculos” para a formação de grandes fazendas e, posteriormente, para a criação de gado. Aos que não foram dizimados em conflitos restou a alternativa de viver vagueando pelos campos do Cerrado. Dessa forma, tornam-se indispensáveis o estudo de documentos iconográficos que retomem o processo de ocupação territorial por não indígenas e, conseqüentemente, a desterritorialização indígena.

A trajetória dos Ofayé está marcada por perdas territoriais, decréscimo acentuado da população e por longos anos de invisibilidade e de ineficiência do Estado no atendimento às necessidades básicas do grupo. Dados como “extintos” ainda no início da segunda metade do século XX, hoje resistem bravamente em Brasilândia, reduzidos a menos de uma centena de pessoas. Os registros fotográficos recolhidos por Berta Gleizer Ribeiro e Darcy Ribeiro revelam mais do que rostos e corpos indígenas: pelas lentes do casal de antropólogos são trazidos à luz o passado, o presente e o futuro do povo indígena Ofayé.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. História e antropologia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 151-168.
- BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul, a construção de um estado**: regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso. Vol. 1. Campo Grande: UFMS, 2009. 905 p.
- BORGONHA, Mirtes Cristiane. **História e etnografia Ofaié**: Estudo sobre um grupo indígena do Centro Oeste brasileiro. 126 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFSC, Florianópolis, 2006.
- CAMPOS, Rogerio Schmidt. **Fotografia e alteridade**: os limites das linguagens na experiência etnográfica. 86 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UnB, Brasília, 2009.
- CARDOSO, Ciro Flamarion.; MAUAD, Ana Maria. Imagem e História: o caso da Fotografia e do Cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 401-418.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.). **História dos índios no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura/ Fapesp, 2008. 648 p.
- DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. **O território Ofaié pelos caminhos da História**. Campo Grande: Life, 2011. 416 p.
- DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. **Ofaié: morte e vida de um povo**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1996. 340 p.
- GALVÃO, Maria Eduarda Capanema Guerra. "A marcha para o Oeste na experiência da Expedição Roncador- Xingu". In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, 2011, São Paulo. XXVI Simpósio Nacional de História, 2011. 13 p.
- GUDSCHINSKY, Sarah C. **Fragmentos de Ofaié**: a descrição de uma língua extinta. Summer Institute of Linguistics. Trad. Miriam Lemle. Série Linguística n. 3, Brasília, 1974. 45 p.
- JOSÉ DA SILVA, Giovani. **Ofaié**: passado e presente no Vale do Ivinhema. Nova Andradina: Gráfica Canaã, 2011. 48 p.
- JOSÉ DA SILVA, Giovani. **Ofaié**: o povo do mel. Nova Andradina: Gráfica Canaã, 2012. 48 p.
- KOSSOY, Boris. **A fotografia como fonte histórica**: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo: Museu da Ind. Com. e Tecnologia de São Paulo — SICCT, 1980. 29 p.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989. 110 p.
- MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem**: Fotografia e História interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.
- \_\_\_\_\_. Fotografia e História. In: **Rede memória**, 2012. Disponível em: <<http://redememoria.bn.br/2012/01/fotografia-e-historia/>>. Acesso em 03 jun. 2016.
- MARTINS, Gilson Rodolfo. **Breve Painel Etno-Histórico de Mato Grosso do Sul**. 2. ed. Ampliada e Revisada, Campo Grande: UFMS/ Comped/ Inep, 2002. 100 p.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. História e imagem: iconografia/iconologia e além. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 243-262.
- MIGNOLO, Walter. **Histórias locais / projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 505 p.
- MILANEZ, Felipe. **Memórias sertanistas**: cem Anos de indigenismo no Brasil. São Paulo: Sesc, 2015. 424 p.
- MONTEIRO, Charles. "**História, fotografia e cidade**: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa". Métis (UCS), v. 5, p. 11-23, 2006.

MONTEIRO, John Manuel. O desafio da História Indígena no Brasil. In: LOPES DA SILVA, Aracy; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Orgs). **A temática indígena na escola: novos subsídios para os professores do 1º e 2º graus.** São Paulo/ Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/ Mar/ USP/ Unesco, 1995. p. 221- 236.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Etnografia e indigenismo:** sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará. Organização e apresentação Marco Antônio Gonçalves. Campinas: Unicamp, 1993. 160 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 132 p.

RIBEIRO, Darcy. Notícia dos Ofaié -Chavante [1951]. In: RIBEIRO, D. **Uirá sai à procura de Deus.** Ensaios de Etnologia e Indigenismo. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 85-130.

SCHADEN, Egon. **Leituras de etnologia brasileira.** São Paulo: Nacional, 1976. 527 p.